

AS CULTURAS INDÍGENAS SÃO CARACTERIZADAS NO PARQUE DOS POVOS INDÍGENAS?

ARE INDIGENOUS CULTURES
CHARACTERIZED IN THE INDIGENOUS
PEOPLE'S PARK?

Andre DEMARCHI ¹

Cynthia Mara MIRANDA ²

Luciélia de Aquino RAMOS ³

¹ Universidade Federal do Tocantins - UFT. E-mail: andredemarchi@gmail.com. ORCID: 0000-0002-9134-441X.

² Universidade Federal do Tocantins - UFT. E-mail: cynthiamara@mail.uft.edu.br. ORCID: 0000-0002-9399-7975

³ Universidade Federal do Tocantins - UFT. E-mail: luaraquino@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9091-5586.

RESUMO

Este estudo consiste na análise de elementos que compõem o Parque dos Povos Indígenas, instalado em Palmas, capital do Estado do Tocantins em 2017. O objetivo é identificar e analisar se os elementos construídos para homenagear os povos indígenas são representativos da sua cultura. A metodologia teve como base a etnografia, com captação de imagens dos elementos construídos no local, pela autora da pesquisa, para representação da cultura destes povos, agregando entrevista pertinente ao objetivo. Os resultados e as discussões da análise levaram a questionamentos sobre os elementos representativos instalados no parque que fazem homenagem aos Povos Indígenas, que tem o intuito de provocar reflexões acerca das decisões sem consulta pública.

PALAVRAS-CHAVE: povos indígenas; parque; representatividade.

ABSTRACT

This study consists of an analysis of the elements that make up the Indigenous Peoples Park, installed in Palmas, capital of the State of Tocantins in 2017. The objective is to identify and analyze if the elements built to honor indigenous peoples are representative of their culture. The methodology was based on ethnography, with the capture of images of the elements built in the place, by the research author, to represent the culture of these peoples, adding an interview relevant to the objective. The results and discussions of the analysis led to questions about the representative elements installed in the park that pay homage to the Indigenous People, which aims to provoke reflections on decisions without public consultation.

KEYWORDS: indigenous people; park; representativeness.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um parque, uma praça, são elementos que podem compor a morfologia urbana de uma cidade, espaço público de uso comum para usufruto da população. A capital do estado do Tocantins, Palmas, com 31 anos, em sua recente história é uma cidade planejada que já implantou parques e praças em seu espaço urbano, destacam-se: a praça dos Girassóis, o Parque Cesamar, o Bosque dos Pioneiros, a Praça da Árvore e o Parque dos Povos Indígenas. Estes lugares são frequentados por moradores, estudantes, crianças jovens, adultos, idosos e por turistas.

Este estudo se concentra no Parque dos Povos Indígenas, tendo o objetivo de analisar os elementos que caracterizam as culturas dos povos indígenas, que foram homenageados na criação deste equipamento urbano.

A comunicação destes lugares se relaciona com a identidade visual ou comunicação visual criada para se tornar público. Para Ferrara (2002, p.15), “Os lugares correspondem a arquitetura ou ao design do espaço da cidade”.

Pretende-se correlacionar com o equipamento urbano citado acima, a cultura indígena. “Povos que lutaram durante séculos para continuar existindo em condições jurídicas e de direito democraticamente iguais aos dos cidadãos brasileiros, tendo respeitados os seus modos de vida e formas de expressão cultural, como afirma nossa Constituição Federal”, (DEMARCHI; MORAIS, 2015, p.17).

A abordagem da Cultura indígena neste estudo não será de aprofundamento antropológico. Para Geertz, (1989, p.24), “Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir a sua particularidade”, afirma também que:

[...] o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. De fato, esse não é o seu único objetivo – a instrução, a diversão, o conselho prático, o avanço moral e a descoberta da ordem natural do comportamento humano são outros, e a antropologia não é a única disciplina a persegui-los. No entanto, esse é um objetivo ao qual o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. (GEERTZ, 1989, p.24),

Analisar os elementos que compõem a cena urbana formada pelo Parque dos Povos Indígenas, não havia sido cogitado. Contudo, a partir de uma aula da disciplina Cultura, Comunicação e Território: Descolonizando a Comunicação, ministrada pelo professor Dr André Demarchi, do Mestrado em Comunicação e Sociedade do PPGCom, a percepção ficou aguçada. O professor mencionou em sala de aula o grafismo nas lixeiras do Parque, representando os povos indígenas e citou estudo dos autores

David Kopenawa e Albert, Bruce, do livro: A queda do céu.

Para o desenvolvimento da pesquisa, o estudo de campo e a etnografia foram o pilar metodológico para captar os elementos expostos na praça e identificar o local como sendo de referência para os eles.

Foram produzidas durante a pesquisa de campo, realizada no dia 01 de dezembro de 2019, 168 imagens durante o período de 4 horas. Também foi realizada pesquisa paralela em busca de imagens no ambiente virtual. Desta forma, das 168 produzidas pela pesquisadora (com equipamento fotográfico Nikon D3100), 8 (oito) compõe este estudo. Da pesquisa virtual, resultou a seleção de 1 imagem da inauguração do parque utilizada, inserindo também 4 imagens do grafismo indígena do Tocantins.

O PARQUE DOS POVOS INDIGENAS

O Parque⁴ dos Povos Indígenas (PPI), foi inaugurado como um espaço destinado ao reconhecimento da cultura e história desses povos, no dia Internacional dos Povos Indígenas, 9 de agosto de 2017. A matéria⁵ O Parque dos Povos Indígenas cria um sentimento de reciprocidade, publicada no site da prefeitura de Palmas, Jacome (2017) afirma que este será o maior parque urbano do Brasil, em uma área de 17 quilômetros entre as áreas verdes dos córregos Sussuapara e Brejo Comprido.

Os indígenas que compareceram ao evento fizeram um show com apresentações de danças e lançamento de arco e flechas. Foram representados pelas nações Xerente, Karajá, Xambioá, Krahô e Apinajé. (JACOME, 2017)

POVOS INDIGENAS

Durante os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas realizado em 2015 em Palmas, aconteceu o Fórum Social Indígena. Entre as temáticas, discutiu-se o reconhecimento dos territórios tradicionais, desafio que se vislumbra à garantia dos direitos indígenas. Para Roque (2017, p.86) “A questão atinge igualmente todos, inclusive os que atualmente estão estabelecidos em seus territórios, pois ainda são muitos os conflitos e as ameaças”.

Destaca-se ainda, a manifestação de um membro da etnia Xavante, que deixou a seguinte

⁴ Nesta primeira etapa foi realizado o paisagismo, a iluminação, a inclusão de uma pista profissional de skate, duas quadras de areia para peteca e badminton, playground, pista para caminhada com 700 metros, ciclovia, quadra para slackline, estacionamento, duas quadras de vôlei de areia e futevôlei com arquibancada para 528 pessoas, construção de banheiros públicos, espaço destinado à Feira das Cores, com estrutura para 30 barracas de produtos, instalação aparelhos para ginástica e reforma da praça da Árvore, que antecede ao parque.

⁵Matéria disponível em: <https://www.palmas.to.gov.br/secretaria/infraestrutura/noticia/1505428/parque-dos-povos-indigenas-cria-um-sentimento-de-reciprocidade-entre-o-indio-e-o-nao-indio-diz-marcos-terena/>. Acesso em: fev. de 2020.

mensagem: “Nós não somos sem-terra – nós somos sem o direito deste reconhecimento no papel, de possuir aquilo que sempre foi nosso, já que estávamos nesse território muito antes da formação do Estado nação brasileiro”. (ROQUE, 2017, p.86)

Ao longo dos tempos, os povos indígenas, viveram e ainda vivem situações discriminatórias. Marilena Chauí (1994), ao ler os “diários e cartas de Colombo, Vespúcio, Caminha e Las Casas – identificou que a descrição dos nativos da terra obedece a um padrão sempre igual: são seres belos, fortes, livres, sem lei, sem rei e sem fé. A essência de sua cultura não foi considerada, e ainda na contemporaneidade este é um assunto em discussão.

Para Freire 2002, é importante discutir essas ideias equivocadas, para se ter uma visão correta sobre a história indígena, sobre o Brasil atual, fazendo a seguinte explanação:

As sociedades indígenas constituem um indicador extremamente sensível da natureza da sociedade que com elas interage. A sociedade brasileira se desnuda e se revela no relacionamento com os povos indígenas. É aí que o Brasil mostra a sua cara. Nesse sentido, tentar compreender as sociedades indígenas não é apenas procurar conhecer “o outro”, “o diferente”, mas implica conduzir as indagações e reflexões sobre a própria sociedade em que vivemos. (FREIRE, 2002, p.2)

Andre Demarchi e Odilon Moraes, trazem para reflexão “as cinco ideias equivocadas sobre os índios”, do artigo publicado pelo antropólogo José Bessa Freire em (2002), no artigo: Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles, onde, Demarchi e Moraes, (2015, p.19) contextualizam discutindo acerca da grandeza e da simplicidade trazida por Freire. O texto é conduzido com uma variedade de exemplos que ilustram com clareza cinco ideias que levam a compreensão do pensamento sobre os povos indígenas brasileiros.

Para Demarchi e Moraes (2015, p.1), “Essas ideias sintetizam hábitos do pensamento e práticas cotidianas que são colocadas em ação por diferentes grupos da também diversificada sociedade brasileira que se auto identificam como não-indígenas”. Este estudo tem sentido de contribuir para “diminuir a distância cultural”, ampliar o conhecimento, refletir sobre as ideias equivocadas “existente entre muitas populações locais e nacionais e os povos indígenas brasileiros”. (DEMARCHI; MORAIS, 2015, p. 22)

Ainda que ocorram distorções sobre a cultura indígena, o necessário de fato, é o reconhecimento dos seus modos de exprimir, manifestar e viver que lhes confira dignidade própria.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada teve como base a análise etnográfica, com pesquisa de campo e captação de imagens dos elementos que podem ser identificados como referência aos indígenas, por aqueles que projetaram o Parque dos Povos Indígenas. Das 168 fotos feitas do local, 08 (oito) fotos compõem o corpus desta pesquisa. O equipamento utilizado foi uma máquina Nikon D3100, o trabalho foi realizado no dia 01 de dezembro de 2019 a partir das 8h46 permanecendo no local até as 11h 20, em Palmas Tocantins.

Das fotos analisadas, mais uma foi captada com mesma máquina considerando a necessidade de efeito comparativo, por se tratar de períodos diferentes, e mais 6 figuras de pinturas e desenhos de grafismo indígena, com imagens dois povos indígenas do Tocantins os Karajás e os Xerentes, que somam ao corpus da pesquisa.

Ao iniciar o estudo foi percebido que as fontes de informação e percepção pessoal poderiam trazer contribuição ao trabalho, assim, foi inserida fala de uma pessoa sobre os elementos indígenas dispostos no Parque dos Povos Indígenas. A entrevista gravada foi transcrita, e compõe o acervo deste estudo, além dos conteúdos, teóricos, imagens e links de consulta.

Para constar, e também a título de verificação, no que diz respeito ao conteúdo histórico do Parque dos Povos Indígenas, foi feita consulta nos meios de comunicação com o descritor “inauguração do parque dos povos indígenas do Tocantins” na plataforma de busca Google. Os veículos que noticiaram sobre a inauguração e estrutura do Parque alinhados e ao teor da matéria do site oficial da Prefeitura de Palmas.

ANÁLISE DOS ELEMENTOS

Elementos do PPI⁶

01. Monumento Lança da Amizade:

O monumento Lança da Amizade, é composto de uma grande lança de metal, afixado com haste de metal sobre um tronco, com grafismo e cordas, formado por 7 troncos em dimensões diferentes e com grafite aplicado nas cores preta, branca e vermelho e uma placa de identificação.

Para compreender o que foi concebido para homenagear os povos indígenas, explicita-se o texto da placa: “Este monumento com a réplica da lança da amizade simboliza o

⁶ PPI – Parque dos Povos Indígenas.

congraçamento dos participantes dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. A lança é repassada para todas as sedes do evento e aponta para um futuro de respeito e integração entre as nações. Ela é um resgate da nossa ancestralidade e marca do nosso orgulho de termos sediado os primeiros jogos Mundiais dos Povos indígenas da história da humanidade realizado em 2015. Palmas 09 de agosto de 2017, dia mundial dos povos Indígenas.”

Ao consultar um documento oficial dos Jogos mundiais dos povos indígenas: Brasil, 2015: o importante é celebrar! (ROQUE, 2017) não foi encontrado referência a Lança da Amizade. Ao pesquisar na plataforma Google também não foi identificado que a Lança da Amizade seria repassada a cada local que sediasse o evento dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.

Em entrevista concedida à autora da pesquisa, no dia 03 de fevereiro de 2020, ao ser perguntado sobre a lança da amizade, a placa e o grafismo, o indígena e engenheiro ambiental Avanilson Karajá respondeu: “A pintura desta placa não tem nada a ver, é arte de design gráfico, não é pintura indígena não, esta lança não tem nada a ver, não representa os povos indígenas do Tocantins, acho que isso tudo é tirado da internet”.

Karajá (2020) diz que: “Com relação ao parque: acho que ele deveria ser mais caracterizado com a identidade indígena. [...] não tem um monumento, mas se você for ver não tem nada da cultura indígena”

Figura 01 e 02 Grafismo nos troncos do Monumento



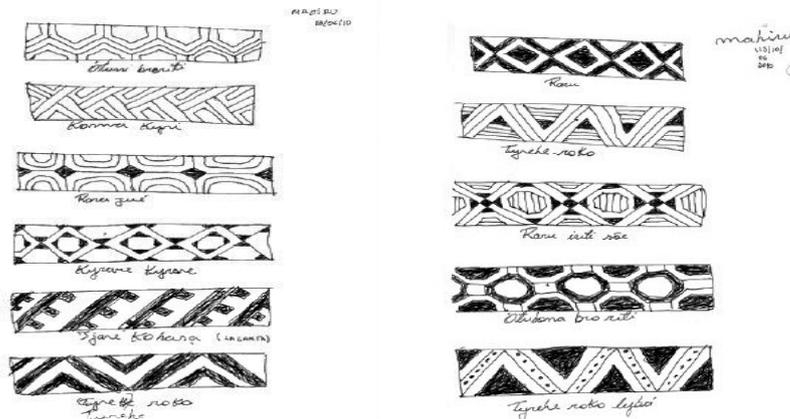
Fonte: a própria autora

O monumento é composto de uma grande lança de metal, e afixado por um tronco com grafismo e cordas, com 7 (sete) troncos em dimensões diferentes e com grafite aplicado, pintura em cor preta e vermelho e ornamentado com cordas. Este elemento está em estado precário.

Não há histórico, de acordo com a entrevista realizada com Karajá (2020), da existência

de monumento na aldeia, com esta composição de troncos. Para Filho e Silva, 2012, a arte de fazer grafismo nas bonecas Karajá, torna-se referência demonstrativa do fazer e produção do artesanato destes povos indígenas. Os desenhos dos grafismos indígenas usados para as bonecas Karajá, exemplificados na figura 04 e figura 05, são desenhos em papel usados pela ceramista Mahiru, de Santa Isabel do Morro.

Figuras 03 e 04 - “Grafismos desenhados em papel pela ceramista Mahiru.

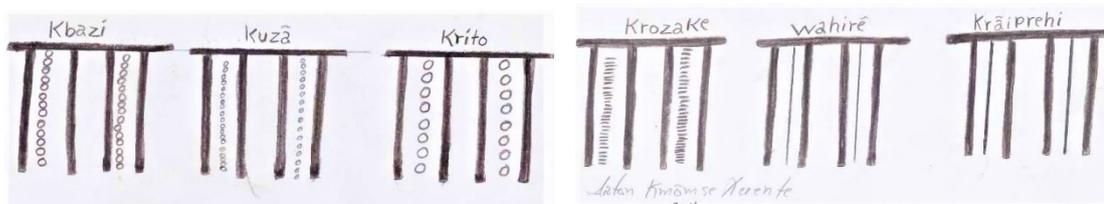


Fonte: Lima e Silva, (2012, p. 4)

Karajá (2020), explana que o uso do grafismo e pinturas pelos povos indígenas, está ligado a simbologia aplicada nas pinturas Karajá, relacionada, aos seres da natureza, a fauna, a flora, aos animais, as arvores e aos seus rituais tudo tem significado. A pintura já foi usada para guerrear, para camuflar, atualmente os indígenas ficam pintados no dia a dia, cada uma tem um significado, a pintura para moça, para o rapaz, para mulher casada, pintura para o homem, pintura para o lutador. Karajá (2020).

Os povos Xerentes, tem como referencial sua identificação em metades clânicas patrilineares e exogâmicas, desde crianças, em lugares de convívio diário, em sua e em outras aldeias, “por meio das simbologias das pinturas corporais clânicas das metades e suas subdivisões entre Doi (bolinhas – kritoizapto/círculo) e Wahirê (listra– ãhirê/traço)”.(MELO E GONÇALVES, 2017)

Figuras 5 e 6: As metades exogâmicas patrilineares – Doi e Wahirê



Fonte: Melo e Gonçalves, (2017, p. 204) Autoria: Ailton Kmömse Xerente, jul. 2015.

Os Akwê, antes de aprenderem a usarem roupas, sempre estavam pintados, principalmente para se protegerem dos maus espíritos, que andam solto por aí. Anciã Eurides Xerente, jul. 2014 apud (MELO E GONÇALVES, 2017, p. 205). Para os indígenas a pintura é uma forma de saber, patrimônio cultural do seu povo, e deve ser passado de gerações a gerações.

02. Grafite nas lixeiras:

As lixeiras com o grafismo⁷ foi um dos elementos escolhidos para homenagear os povos indígenas no parque. Durante a realização da pesquisa foram encontradas 3 (três) lixeiras neste padrão, dispostas nas figuras 07.08.09.

Figuras 07, 08, 09 - Lixeiras com grafite



Fonte: a própria autora

As lixeiras foram pintadas com desenhos que lembram a geometria do grafismo indígena, na cor preta, mas não seguem o padrão e característica criteriosa da expressão indígena. Karajá (2020), afirma que em Araguaína, na via Lago, o município fez um calçadão remetendo a cultura Karajá: “só que eles fizeram a consulta para ver se aquela pintura era Karajá mesmo, para fazer o calçadão. É todo bonito, bem original mesmo, bem detalhado, tipo calçadão

⁷ A pintura foi realizada pelo artista grafiteiro Sandro Rios, sendo possível ver sua atuação no vídeo da matéria disponível em: MOREIRA, Heitor. Parque dos Povos Indígenas será inaugurado nesta quarta-feira (9) em Palmas. 09/08/2017. Bom dia Tocantins - Portal de Notícias Online G1, TV Anhanguera. <http://g1.globo.com/to/tocantins/videos/t/todos-os-videos/v/parque-dos-povos-indigenas-sera-inaugurado-nesta-quarta-feira-9-em-palmas/6065933/>. Acesso em fev. 2020.

de Copacabana e foi muito interessante”.

As imagens retratam a proposta de homenagem aos Povos Indígenas no Parque dos Povos Indígenas. As lixeiras ficam expostas na extensão do espaço público, tendo o objetivo de ilustrar um dos elementos eleitos como representativos dos povos indígenas.

Há uma divergência entre a forma de representação indígena e a aplicada nas lixeiras. Os povos indígenas, dentre as pesquisas realizadas, não inserem em lixeiras o seu grafismo, cada povo tem uma forma utilizar a pintura, seus traços, suas cores para expressar sua arte e os motivos de sua aplicação, o grafismo pode ser inserido no corpo, como também em objetos, que remetem aos modos de viver de cada um dos povos.

Observa-se que os desenhos dos povos indígenas Karajás e Xerentes, figuras 3,4,5 e 6 deste estudo, diferem dos traços grafitados nas lixeiras, em forma e detalhamento, o geometrismo indígena e a particularização utilizada por eles traduzem um legado cultural da vida destes povos, os traços, criam uma composição genuína dos indígenas.

Os grafismos indígenas dos Xerentes, expressam motivos que lembram a fauna e a flora, e geralmente revelam comportamentos e vivências: Na arte indígena, a pintura tem propósitos diversos, não é somente estética, há valores culturais transmitidos, estabelecendo função de cada um na aldeia, identificar estado civil, “Algumas índias utilizam esse método, por exemplo, para “dizer” que estão interessadas em encontrar um parceiro.”(MARQUES; BICALHO, 2017, p.1)

Os povos Karajá, também tem suas formas de exibir as pinturas e seu grafismo: a pintura corporal é dividida entre o feminino e o masculino do povo Karajá-Xambioá, especificidades, que dão identidade à cultura destes povos. Uma criança que recebe pintura corporal, com tinta extraída do jenipapo, no caso em ritual de Aruanã, a ela é dada a responsabilidade de buscar a alimentação do Aruanã. (ALBUQUERQUE; KARAJA, 2016, p. 45)

03. Grafite na lateral da pista de skate

Pintura livre, de cores diversas com a representação de duas cabeças indígenas, uma com cocar e outra com pintura facial, na parte dos olhos para representar o indígena⁸. Sem detalhamento que destaque ou se torne uma homenagem que faça jus a história dos povos indígenas. As figuras 11 e 12 são inseridas para percepção da tipicidade das pinturas corporais dos povos

⁸ Na Pintura corporal tribo Karajá, as pinturas significam, principalmente, a passagem de uma fase da vida para outra (com exceção da pintura diária e da pintura hojuju). Disponível: <http://blog-do-netuno.blogspot.com/2010/09/pinturas-indigenas-e-seus-significados.html>. Na Pintura corporal na tribo Xerente, estabelece tradição e função de cada um. Nesta figura os indígenas se pintaram e fizeram artesanato para presentear a Princesa da Bélgica. Disponível: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2016/07/princesa-da-belgica-visita-aldeia-e-e-batizada-por-indigenas-no-tocantins.html>.

karajá e Xerente para comparar com o grafismo na pista de skate.

Figura 10, 11,12 –Grafite na lateral Pista de Skate. Pintura corporal tribo Karajá, Pintura corporal na tribo Xerente respectivamente.

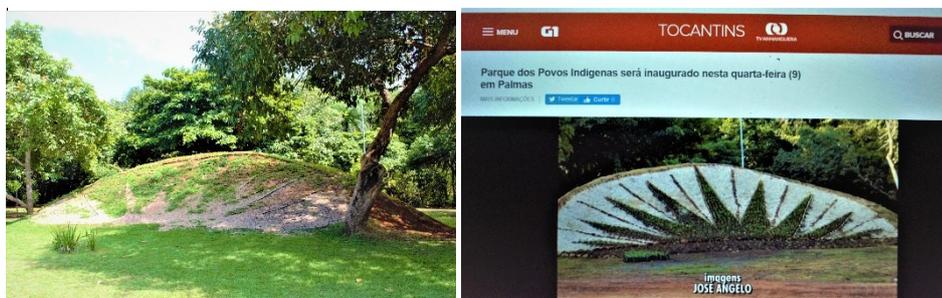


Fonte: figura 10, a própria autora; figura 11, Indígena Karajá, Netuno 2010; Foto: Indígenas Xerentes por Elias Oliveira/Secom, 2016.

04. Cocar

Num elevado elaborado no terreno, se projetou um cocar com recorte, detalhado e ornamentado com plantas verdes.

Figura 13 e 14 - Cocar



Fonte: a própria autora

Fonte: foto capturada pela autora, portal de notícias G1

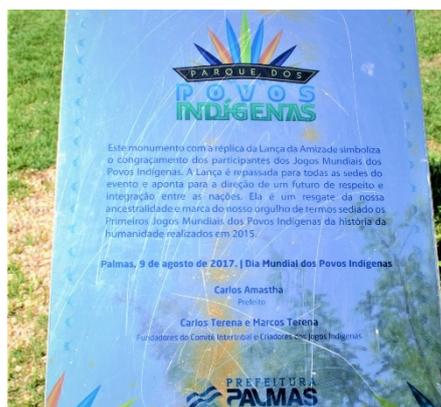
Nestas imagens percebe-se que o componente criado já perdeu sua caracterização e está longe de lembrar que é um cocar Indígena, representado com plantas quando o parque foi inaugurado, figura da direita, lembra um cocar recortado e a logomarca criada para o Parque dos Povos Indígenas. A obra construída está abandonada e não mantém a proposta inicial.

05. Placa – Identidade visual do PPI

A placa de inauguração do Parque dos Povos Indígenas, foi afixada em Palmas 09 de agosto de 2017, dia mundial dos povos Indígenas. O texto da placa foi transcrito no elemento

01 deste estudo, consta que a Lança da Amizade simboliza o conagraçamento dos participantes dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. A logomarca do Parque dos Povos Indígenas, exibe um conceito criativo definindo em nove penas coloridas estilizadas a representação do cocar indígena.

Figura 15- Placa



Fonte: a própria autora

Karajá (2020) explana sobre a necessidade de consulta em casos de empreendimentos, de obra pública que seja relacionada com o indígena, deveria haver uma consulta, conforme convenção 169 OIT, (que prevê as consultas aos povos indígenas para este tipo de ação) e fez também referência ao artigo 231 da Constituição Brasileira, alertando para evitar este tipo de erro, como aconteceu neste espaço urbano que leva o nome de Parque dos Povos indígenas.

A Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), é um documento assinado por Deborah Duprat⁹ em 23/08/16, e disciplina uma nova relação do Estado nacional com o seu “povo”. Seu público são os povos tribais e indígenas, considerando os seus modos de manifestar e suas vivências, demonstrando que se deve respeitar a sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo discutido neste artigo, muitos pensamentos continuam acesos para debruçar em outras pesquisas complementares e que culminem na ideia de entender os processos humanos, percepção que de alguma forma é possível acelerar a compreensão das

⁹ Deborah Duprat é Subprocuradora-Geral da República e Procuradora Federal dos Direitos do Cidadão, A Convenção 169 da OIT e o direito à consulta prévia, livre e informada. Repórter Brasil. 23/08/2016. <https://reporterbrasil.org.br/2016/08/a-convencao-169-da-oit-e-o-direito-a-consulta-previa-livre-e-informada/> Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo com fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ).

culturas tradicionais dos povos indígenas. Bem como, de entender como a tratativa do branco se confunde com o desejo e vontade natural destas nações.

A análise dos elementos apresentou divergências entre o que foi construído para ser caracterizado como cultura dos povos indígenas, conflitando com os seus modos de representatividade no grafismo e na lança.

Considera-se que a representatividade dos elementos não alcança a essência da cultura dos indígenas, prevalecendo o nome do parque como principal elemento. Um espaço urbano para o entretenimento, o lazer, para atividades físicas, artísticas e culturais é um bem que se faz a sociedade.

Além das explicações socioeconômicas do urbano, estão as imagens da cidade que assimilam uma robusta realização humana, uma forma distinta de civilização (FERRARA, 2002, p.201). As características culturais sedimentam a cidade enquanto cenário diverso de signos, que cria uma linguagem, justifica e legitima, enquanto modo específico de produção.

O atributo da identidade permite conhecer um lugar, uma praça ou um parque, como entidade diferenciada, distinguindo-a dos demais logradouros, “configurando a imagem por meio da relação espacial entre si mesma e seu entorno, integrando ambos em um conjunto único, transformando-a simbolicamente, para o observador num espaço reconhecível e representativo de estímulo para práticas sociais”. (BARREIRA, 2007, p.7)

A simbologia proposta para o parque, enquanto representatividade dos povos indígenas, ainda não reflete as especificidades e justa homenagem a cultura dos povos indígenas, que venham transformar este cenário urbano.

Davi Kopenawa, em uma visita a um museu de Nova York, se deparou com objetos expostos, encontrou caixas de vidro, e dentro delas cadáveres de crianças com a pele enrugada. Kopenawa afirma que teve um sentimento muito ruim de tudo que presenciou, chegou a se enfurecer e expressar sua indignação. “Os brancos só tinham inimizade com eles. Depois, guardaram seus despojos e agora os expõem aos olhos de todos!” Que pensamento de ignorância!”. (KOPENAWA, 1991, p. 427)

Kopenawa (1991) ao sinalizar tal situação, gera uma reflexão profunda para os brancos e questiona se é interesse dos brancos mostrar os corpos mortos de seus pais, mães ou mulheres em um museu, em lugar dos ancestrais indígenas. O que eles pensariam se vissem seus defuntos exibidos assim diante de forasteiros, de milhares de visitantes?

Com base na reflexão de Kopenawa, um questionamento se desenhou: o grafismo inserido nas lixeiras do parque é a forma que os povos indígenas querem ser ver representados? Homenageados? Uma obra pública nestas dimensões, precisaria de consulta aos povos

indígenas, por se tratar de elementos inseridos como reveladores da cultura indígena no espaço urbano que leva o nome de Parque dos Povos indígenas.

Não foi encontrado registro de consulta pública aos povos indígenas, no que tange a tomada de decisão para a construção daquele espaço. Diante do exposto, as decisões sem consulta aos homenageados silenciam a cultura indígena no parque que leva seu nome, assim o teor de uma homenagem acaba se transformando em ofensa e falta de respeito. Esta leitura realizada sobre este espaço público não se encerra podendo haver outros olhares e formas de interpretar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; KARAJA, Adriano Dias Gomes. **Aspectos Históricos e Culturais do povo Karajá – Xambioá**. Francisco Edviges Albuquerque e Adriano Dias Gomes Karajá (Orgs.) Campinas/SP: Pontes Editores, 2016.

BARREIRA, Kenniane Lenir Nogueira Carvalho. **PRAÇA DO BOSQUE DOS PIONEIROS: INTEGRAÇÃO SÓCIOAMBIENTAL EM PLENO SÉCULO XXI**. Mestrado Interinstitucional UnB e UFT em Arquitetura e Urbanismo. Arquiteta Especialista em Planejamento Urbano e Ambiental (UFT), Mestranda do

CHAUÍ, Marilena de Souza. 500 Anos-caminhos da memória, trilhas do futuro. **GRUPIONI, LDB Índios no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, p. 11-12, 1994.

DEMARCHI, André; MORAIS, Odilon. Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles. **Projeto de Pesquisa**. Universidade Federal do Tocantins, 2015.

DUPRAT, Deborah. **A Convenção 169 da OIT e o direito à consulta prévia, livre e informada**. Repórter Brasil, publicação em 23/08/2016. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2016/08/a-convencao-169-da-oit-e-o-direito-a-consulta-previa-livre-e-informada/>

FERRARA, Lucrécia D'Alessio, **Design em Espaços**, São Paulo, Edições Rosari, 2002.

GEERTZ, Clifford. **“Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”**. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 13- 41.

KARAJÁ, Avanilson, **Entrevista sobre o Parque dos Povos Indígenas**, concedida à Luciélia de Aquino Ramos, em 03 de fevereiro de 2020.

KOPENAWA, Albert, BRUCE, Davi **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami** / Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro, ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira; SILVA, Telma Camargo da. **A arte de saber fazer grafismo nas bonecas Karajá**. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 18, n. 38, p. 45-74, dez. 2012. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 jan. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000200003>.

MARQUES, Lorryne Vieira; BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **O CORPO COMO TELA: OS XERENTE, ANAIS** - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – III SEPE ÉTICA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Socio econômicas e Humanas, 2017.

MELO, Elisângela Aparecida Pereira de, GONÇALVES, Tadeu Oliver. **PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS XERENTE EM COMUNIDADES DE PRÁTICA**, Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 7, N° 2, p. 191-215, 2017.

ROQUE, Lucas **Jogos mundiais dos povos indígenas: Brasil, 2015: o importante é celebrar!** / Lucas Roque, Marcos Terena, Juan Antonio Calfin e Taily Terena. – Brasília: PNUD, 2017. 104 p., il.